



Fala Egbé

Informativo dirigido às Comunidades de Terreiros de Candomblé • nº 22 • ano IX • Setembro de 2011

Descaso, intolerância e agressões violentas e ambientais – Reagir é Preciso



Foto: Fafá Araújo

Há muito tempo já se conhece o descaso e (des)trato aos bairros onde vive a maioria negra de Salvador e onde está a maioria dos Terreiros de Candomblé.

Infelizmente são registrados casos de intolerância religiosa, expressos desde a chacota contra quem usa contas e etc. até os casos de invasão enfurecida dos espaços sagrados, por fundamentalistas que se dizem cristãos. É cada vez mais necessário isolar esses intolerantes em seu terror e unir todas as pessoas de fé na vida e na paz, para se somarem aos agredidos e se manifestarem contra a intolerância.

Sobre o descaso destacamos o mau exemplo da região do Engenho Velho da Federação na Muriçoca, onde o Terreiro do afamado Sr. Luiz da Muriçoca (citado na literatura de Jorge Amado) está ameaçado de liquidação por cobrança de IPTU, pasmem! Depois de todas as mobilizações de 2010, declarações e atos públicos de reconhecimento pela Prefeitura da IMUNIDADE DE IMPOSTOS constitucional dos Terrei-

ros, uma Comunidade recebe esse presente! Ou seja, todos ainda estão ameaçados!

Mais grave têm sido as reclamações quase a uma só voz, dos Terreiros que conectamos na Grande Salvador sobre o crescimento da violência armada, com o domínio criminoso dos bairros. Por terem as Comunidades um espírito territorial e serem prestadoras de serviços dentro do bairro viram alvo desses criminosos, que querem o domínio de todo o território, de cada rua, de cada evento, de cada festa que acontece, impedindo a livre circulação, a liberdade litúrgica para receber seus fiéis e que difundem o terror do envolvimento dos adolescentes e jovens com esse poder local e armado.

Some-se a esses problemas o progressivo avanço da especulação imobiliária e o descuido com o lixo consorciado com desmatamentos, cujo grande destaque é a área de expansão na Avenida Paralela. Ali um futuro de desastre de cheias se anuncia numa pró-

xima chuva intensa, que certamente irá atingir as comunidades das cercanias – nos bairros onde se situam Comunidades de Candomblé.

É duro admitir que após tantas conquistas dos Terreiros no Brasil e em Salvador um quadro desses se prolongue e se agrave num dos berços nacionais das Religiões Afro-brasileiras. A questão é como seguir adiante e na fé, não desistir!

Esperar as promessas das autoridades? Resolver tudo por iniciativa própria? Parece que a resposta está dada: exigir das autoridades, fazer algo, não fazer tudo, mas fazer o quê?

Para os Terreiros enfrentarem realidades tão adversas só aumentando sua organização e capacidade de luta, com planos para o futuro de acordo com os interesses dos seus bairros e da sua vida religiosa. As comunidades são muitas, mas se comunicam pouco, são fortes em redes de comunidades filhas, irmãs e parentes, mas não se expressam...

Fica então o desafio: como fazer com que as forças das comunidades sejam aproveitadas e somadas em prol do bem comum, que é o compromisso permanente de todas as pessoas de fé?

pág. 3

JUVENTUDES E DIREITOS

pág. 4

PARA SUPERAR A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

pág. 8

MULHERES QUILOMBOLAS E DIREITOS

pág. 9

FIM DO CASO MÃE GILDA

LEMBRE O NOVO ENDEREÇO



O escritório do Programa Egbé Territórios Negros de KOINONIA em Salvador mudou de endereço.

A nova sede hoje divide espaço físico com o CEPESC – Centro de Pesquisa, Estudo e Serviço Cristão, que é dirigido pelo Pastor Djalma Torres, que já compartilhava os ideais e propostas do programa.

O Pastor Djalma, conhecido pela sua militância ecumênica e em favor do diálogo interreligioso, compõe o Conselho Ecumênico do Programa

Egbé, sendo uma liderança importante nesta luta que dá rumo às ações do Programa Egbé de KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço.

Novo endereço:

Rua Capelinha do Tororó, Edf. 1. 1º andar, Tororó. CEP. 40.050-120, Salvador-Bahia.

O número de telefone está mantido: (71) 3266-3480

Referência: O edifício fica ao lado da Igreja da Capelinha do Tororó, após o final de linha do bairro.

Homenagem a amiga e lutadora



A história das ações de KOINONIA em Salvador com os Terreiros de Candomblé se confunde com a de muita gente, mas há pessoas sempre especiais.

Aqui queremos dedicar esse espaço a alguém que dedicou sua colaboração, juventude e por vezes a saúde a que os serviços que prestamos a tantas comunidades sejam reconhecidos como honestos, comprometidos e competentes.

KOINONIA agradece a nossa amiga, colaboradora, profissional séria e associada, que decidiu alçar outros vãos pessoais com sua capacidade de trabalho, levando consigo nosso carinho e as saudades de tanta gente. Afinal as centenas de Comunidades atendidas a conhecem pelo nome dito assim “Jussara de Koinonia”, sobrenome confundido com o trabalho e os anos de dedicação.

Valeu Jussara Rego, que os seus caminhos estejam sempre abertos e cheios de vida e força!

Juventudes e Direitos nas Cidades

Por Jorge Atilio Silva Iulianelli*

Desde 1997 KOINONIA promove ações com juventudes em cidades dos interiores do Nordeste, em especial nas zonas rurais do sertão da Bahia, Pernambuco e Alagoas, cooperando com organizações camponesas como o Pólo Sindical dos Trabalhadores Rurais do Submédio São Francisco (BA/PE), Sindicatos de Trabalhadores Rurais da Bacia Leiteira, Alto e Médio sertão de Alagoas e com a Cooperativa de Banco de Sementes (AL). A principal metodologia que emergiu dessa ação com as juventudes é o Curso de Formação de Agentes Culturais. Em relação às juventudes dos terreiros de Candomblé, de Salvador, a partir de 2007, foi iniciado um conjunto de iniciativas de identificação das demandas dessas juventudes, que culminou com a

participação de alguns jovens de terreiros na Rede Ecumênica de Juventude (Reju) e na formação do grupo Obabyan. Em 2010, jovens estudantes noruegueses e a organização Ajuda das Igrejas da Noruega (AIN) propuseram a KOINONIA e outras cinco organizações brasileiras (Fase, Ibase, Viva Rio, Ação Educativa e Diaconia) um programa com as juventudes para a promoção de direitos e justiça climática na cidade.

Para responder a esse desafio, KOINONIA deu início em 2011 a algumas iniciativas junto às juventudes camponesas e dos terreiros de Candomblé de Salvador. Em janeiro, houve uma reunião com lideranças de terreiros de Candomblé de Salvador para expor o propósito

do programa e verificar a adesão das lideranças dos terreiros a esta iniciativa. Foram indicadas cinco regiões para a articulação de terreiros na cidade Salvador: Cabula-Beirú, Suburbana, Est. Velha do Aeroporto, Itapoan e Centro.

Nos dias 8 a 10 de abril foram reunidos 130 jovens dos núcleos de articulação de Delmiro Gouveia e Paulo Afonso para, ava-



liando os processos de formação de 2010, aprofundarem a adesão das organizações locais e das juventudes ao programa que será desenvolvido por cinco anos. No dia 11 de abril, na sede da CESE, reuniram-se algumas lideranças dos terreiros de Candomblé e alguns jovens indicados pelas lideranças, para maiores esclarecimentos sobre a metodologia do projeto e das iniciativas que serão tomadas. Esse projeto, a partir de KOINONIA, articulará jovens destas três cidades, Salvador e Paulo Afonso, na Bahia, e Delmiro Gouveia, em Alagoas.

A principal metodologia será a realização de ações culturais, elaboradas, promovidas e socializadas pelos próprios jovens, para promover direitos da juventude e jus-

tiça climática nessas cidades. O início das atividades será uma pesquisa aplicada pelos jovens para identificarem as principais demandas de direitos das juventudes nas regiões das cidades em que eles vivem. Para tanto, haverá uma formação de jovens pesquisadores nos dias 6 e 7 de maio. O mais fundamental do projeto será a afirmação das relações inter-geracionais, a valorização das espiritualidades e do respeito inter-religioso, e a promoção das lutas das juventudes por direitos e justiça socioambiental nas cidades. Os saberes locais serão valorizados pelo projeto, incentivando iniciativas produtivas locais que permitam aos próprios jovens gerarem valorização da auto-estima e inserção em cenários de mercado de trabalho local que valorizem o direito das juventudes. Haverá um processo de formação, para geração de ações culturais, iniciativas

produtivas e intercâmbio de juventudes ao longo de cinco anos. A interação com as lideranças das organizações tradicionais e dos terreiros é fundamental para o avanço desta iniciativa.

Veja o vídeo com os depoimentos dos jovens participantes do Curso de Formação de Agentes Culturais, acessando: <http://palavradejovemrural.blogspot.com/2011/04/depoimentos-de-jovens-sobre-o-curdo-de.html>

* Assessor de KOINONIA – Presença Ecumênica e Serviço responsável pelo Programa Juventude e Direitos nas Cidades

4ª Caminhada Contra a Intolerância Religiosa e Pela Paz

Em busca da paz, do respeito à liberdade religiosa e do diálogo interreligioso, o Axé Abassá de Ogum, KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço e a Coordenadoria Ecumênica de Serviço - CESE, realizaram em parceria a 4ª Caminhada contra a Intolerância Religiosa e pela Paz, em memória à Mãe Gilda e registrando os 11 anos desta luta.

A realização conjunta da caminhada foi a proposta do primeiro Encontro de Terreiros de 2010, organizada a partir de um grupo de discussão focado no diálogo interreligioso que, convocado pela CESE, iniciou seus encontros em dezembro do ano passado. Este grupo, composto por membros de igrejas protestantes e católicas, se fez representar na caminhada, dando um diferencial quanto aos anos anteriores.

Cerca de 150 pessoas vestidas de branco participaram desta caminhada, que aconteceu na sexta-feira, 21 de janeiro, saindo da Sereia de Itapuã rumo ao Parque Metropolitano do Abaeté, na orla marítima de Salvador. Este ano, o evento contou com um maior número de representantes de diversas religiões simbolizando a ampliação do diálogo interreligioso com o objetivo de combater o preconceito e a integração de



todas as expressões de fé *contra a Intolerância Religiosa*.

Participaram da caminhada líderes das religiões evangélica, católica, can-

domblé e umbanda. Durante a Caminhada as representações das Igrejas presentes expressaram em falas e mensagens a valorização do diálogo interreligioso. Estiveram presentes lideranças da Igreja Batista Nazareth, Igreja Batista Esperança, Igreja Evangélica



Antioquia, Igreja Católica, de KOINONIA, dentre outras.

De acordo com o pastor Fernando Carneiro, da Igreja Evangélica Antioquia, a caminhada serve para mostrar consciência do respeito às religiões e reafirmar a essência das religiões que é a união. As religiões têm concepções diferentes, mas não se deve ter ideias ruins delas. O discurso de *demonização* do candomblé e umbanda faz parte de um segmento da igreja evangélica que, como é mais midiaticizado, faz a população acreditar que todo evangélico tem esse discurso, o que não é verdade.

Outro diferencial desta caminhada foi dado pela proposta do Abassá de Ogum na defesa do meio ambiente. Com o objetivo de promover a conscientização deste nosso grande bem que é a natureza, o lanche foi servido em canecas de barro, que além de não gerar lixo para o meio, puderam ser reaproveitadas pelos participantes que ainda as levaram como recordação do evento que deu este exemplo de cidadania.

Mensagens de reflexão e convite à paz de adeptos desta luta:

SEM INTOLERANCIA
RELIGIOSA, VIVEMOS COM A
PAZ

Yalorixá Jaciara Ribeiro
Axé Abassá de Ogum

VIVA A LIBERDADE RELIGIOSA
COM AFIRMAÇÃO DOS
DIREITOS HUMANOS!
KOINONIA Presença Ecumênica
e Serviço

SOMENTE COM UNIÃO
AFIRMAREMOS O DIREITO ÀS
DIFERENÇAS RELIGIOSAS
CESE - Coordenadoria
Ecumênica de Serviço

PARTICIPAR DA CAMINHADA
CONTRA A INTOLERÂNCIA
RELIGIOSA É DAR PASSOS
CONCRETOS NA DIREÇÃO DA
JUSTIÇA E PAZ
Joel Zeferino, pastor na Igreja
Batista Nazareth

DIVERSIDADE DE RELIGIÕES,
RIQUEZA PARA A
HUMANIDADE
Pe. Oliveira, Igreja Católica

VAMOS CAMINHAR PELA PAZ,
JUSTIÇA E RESPEITO AO
OUTRO E À OUTRA.
Pr. Waldir Martins, Igreja Batista
Esperança

21 DE JANEIRO É UM DIA
ESPECIAL: É UM CONVITE AO
RESPEITO E À CONVIVÊNCIA
COM IRMÃOS E IRMÃS QUE
VIVEM UMA EXPERIÊNCIA
RELIGIOSA DIFERENTE
Djalma Torres, CEPESC - Centro
de Pesquisa, Estudos e Serviço
Cristão

Conheça aqui a manifestação de alguns religiosos e suas expressões de fé em relação aos seus princípios e relação com as demais religiões. As falas são institucionais e/ou pessoais, e estão de acordo com os princípios religiosos praticados.

Uma fonte de inspiração e incentivo ao diálogo, igualdade, fraternidade e respeito.

Sheikh Ahmad Abdul

“Eu sou Líder Espiritual da Religião Islâmica na Bahia. Cheguei aqui em Salvador no ano 1992 para liderar esta comunidade e sou proveniente da África, mais especificamente da Nigéria, com toda a carga da história dos Malês, povo que lutou contra a escravidão e contra a forma de discriminação humana: o mundo conheceu a importância da Religião Islâmica a partir da luta deste povo.

Na verdade, o princípio do islamismo é preservar a natureza da paz, do respeito, o que é explícito no próprio nome da religião: Islam ou Islã, que significa “Paz”. Todas as regras do Islamismo falam sobre a paz e o respeito. O Islam convoca todos os adeptos da religião a aplicar estas regras na vida diária. Desta forma ele prega o diálogo. O Islam acredita que o ser humano tem muita coisa em comum para dialogar e ninguém tem o direito de forçar outra pessoa a adotar sua regra. No nosso livro sagrado – o Alcorão, capítulo 2, versículo 256, está escrito que ‘Não há compulsão na religião’. Então, qualquer coisa que vai desrespeitar o outro, o Islam condena.

Sabemos que cada um faz sua parte para um mundo melhor e vivermos em paz. Respeitamos o próximo. Infelizmente o que ocorreu há alguns anos atrás, na agressão contra Mãe Gilda, é uma coisa que não deveria ter acontecido. Nenhuma religião prega isto porque religião é uma coisa de Deus. E Deus é misericórdia para todos. Então, vamos lutar por um mundo melhor.”

Pr. Djalma Torres

“O caso Mãe Gilda é emblemático. O que aconteceu aqui em Salvador, há 11 anos, foi uma atitude violenta de intolerância religiosa que chocou o país e ficou conhecido por muitos como o Caso da Mãe Gilda. Era ela a Mãe Gilda, Yalorixá do Terreiro de Abassá de Ogum, em Itapuã. E o que fez a Igreja Universal, através do seu jornal semanal Folha Universal, chamando-a de charlatã e macumbeira, levou-a a morte.

Com apoio de Koinonia e de diversas outras pessoas que acompanharam com

interesse e emoção o desenrolar do processo na Justiça, o desfecho é animador para todos e todas que têm lutado contra a intolerância religiosa.

Pra mim, o que hoje temos é o registro do fim de um caso emblemático, sinalizador de que um dia o preconceito e a intolerância desaparecerão e todos nós nos sentiremos irmãos e como irmãos viveremos nesta terra tão diversa cultural e religiosamente.”

Pe. Antonio de Oliveira

“Creio que a luta pela paz passa pela justiça, pela conquista dos direitos humanos, por uma sociedade em que não haja cidadãos de primeira, segunda ou quinta categoria. A paz passa pela cidadania. Passa também pelo combate aos privilégios. Se buscamos privilégios, não ajudamos a construir cidadania. Com o teólogo Hans Kung, creio também que não haverá paz no mundo sem paz entre as religiões. E sem paz entre as religiões não haverá diálogo entre as religiões. Como cristãos nos sentimos ‘santos e pecadores’. Uma porta aberta para o diálogo é nos sentirmos no mesmo barco, e pensar que toda religião ou denominação religiosa é falsa e verdadeira ao mesmo tempo. Todos [nós] temos que aprender os mistérios de Deus revelados em cada religião. Todos [nós] temos falhas; limites. A religião dos orixás deu uma grande contribuição na resistência do povo negro à escravidão, na organização dos quilombos, etc. Tem dado sua contribuição na busca de sentido e alegria de viver. Temos que ver o que de melhor cada religião ou denominação religiosa pode oferecer a humanidade. O que de pior podemos oferecer é a intolerância, a discriminação, etc. o que aconteceu contra a Mãe Gilda e o que acontece cada dia, nos programas religiosos via rádio e televisão, não aconteça mais.”

Pr. Joel Zeferino

Pastor na Igreja Batista Nazareth, Vice-presidente da Aliança de Batistas do Brasil

“Por vezes pensamos que a questão do respeito mútuo entre pessoas de religiões diferentes depende de um esforço por elaborar uma teologia sofisticada que dê conta

das várias nuances da vida em sua complexidade, e de Deus, essa máxima complexidade. Nada tenho contra a teologia. De fato, dentre outras coisas, sou teólogo como tal realmente acredito que é preciso uma boa teologia, uma que leve em consideração a complexidade da vida e dos textos e da história dos contextos que os geraram para que se tenha uma boa orientação teológica. Por exemplo: quem é cristão e se lembra de que o movimento cristão foi uma religião perseguida, em seus primórdios, sabe que é uma monstruosa contradição que ela tenha se tornado perseguidora muitas e repetidas vezes ao longo de sua história. Mas penso que nem é preciso saber de história ou teologia para se respeitar aos outros. Lembro claramente que minha avó já me dizia: ‘Respeito não se pede. Se dá’. Tão fácil de entender! Querer respeito é respeitar o outro, a outra. Só quando estamos dispostos a ouvir, compreender, viver sem fazer julgamentos apressados e preconceituosos – que em si se constitui num desrespeito ao meu semelhante, pois “roubo” dele a possibilidade de ser quem ele é, e lhe atribuo outro ser que lhe é estranho – é que posso realmente querer que ele faça o mesmo para comigo. Infelizmente nem todos ouviram suas avós, e se ouviram não colocaram em prática ensinamentos. Desse modo, quando falha a educação no lar, cabe a outros agentes da sociedade “ensinar” boas maneiras às pessoas e suas instituições. É desse modo que compreendo a decisão da justiça quanto as ofensas a Yalorixá Gildásia dos Santos, do Axé Abassá de Ogum, que trágica e infelizmente veio a falecer por conta dessas agressões a sua honra. Desse modo, por um lado, não é algo que se celebrar: afinal, melhor seria que nunca tivesse acontecido o desrespeito, a ofensa. Mas visto que tal aconteceu, a reparação é fundamental. O importante, porém, e que isso sirva de lição, é que daqui em diante quem ofendeu não ofenda mais; quem desrespeitou nem pense mais em fazê-lo. E que isso seja uma lição para todos e todas. Mas não teria sido melhor que tivessem ouvido suas avós?”

Todo dia deveria ser 21 de janeiro

BA - Caminhada em Salvador pede o fim da intolerância religiosa

Reforçar a luta contra o preconceito e celebrar a convivência pacífica entre praticantes de todas as religiões. Estes foram os principais objetivos da caminhada que marcou o dia 21 de janeiro, Dia Nacional Contra a Intolerância Religiosa, em Salvador.

Este ano o evento contou com um número maior de representantes de diversas religiões simbolizando a ampliação do diálogo interreligioso com o objetivo de combater o preconceito. De acordo com o pastor Fernando Carneiro, da Igreja Evangélica Antioquia, a caminhada serve para mostrar consciência do respeito às religiões e reafirmar a essência das religiões que é a união. Já o diretor executivo da organização ecumênica KOINONIA, Rafael Soares de Oliveira, acredita que o evento é importante para afirmar que a liberdade religiosa é um direito de todos. “O povo de santo não pode ficar excluído. A intolerância é um câncer que não pode ser alimentado. A união entre religiões é para isolar quem é intolerante e se assume como tal”.

Fonte: Portal Vermelho em 22/01/2011

AM - Ato contra intolerância religiosa reúne 11 credos em Manaus

O 21 de janeiro, Dia Nacional de Combate a Intolerância Religiosa, foi lembrado em Manaus reunindo cerca de 400 pessoas de 11 credos, que se reuniram na Igreja Católica da Matriz para pedir por mais respeito à diversidade. Esta é a primeira vez que o Amazonas realiza um evento do tipo. A reunião contou com mulçumanos, católicos, budistas, messiânicos, evangélicos, judeus, espíritas, mórmons, representantes de religiões de matrizes africanas, representantes da Seicho-No-Ie e kardecistas. Ao longo do ato ecumênico, líderes e praticantes tiveram a oportunidade de falar sobre as próprias religiões e sobre o elemento que, segundo eles, é igual em todos os credos: a busca pelo amor.

Fonte: D24am em 21/01/2011

RS - Porto Alegre realiza marcha em defesa da liberdade religiosa

Para marcar o 21 de janeiro, terreiros, organizações e movimentos sociais

gaúchos organizam a 3ª Marcha Estadual pela Vida e Liberdade Religiosa do Rio Grande do Sul.

Em 2009 ocorreu a primeira marcha no estado. Em 2010, a manifestação foi realizada em conjunto com a marcha de abertura do Fórum Social Mundial, que teve uma edição na cidade de Porto Alegre (RS). Para este ano, eram esperados de 4 a 5 mil participantes.

Fonte: Portal Vermelho em 10/01/2011

BA - Comunidade do Seja Hundé celebra vitória

Após muita luta da sua comunidade, o Seja Hundé, um dos mais tradicionais terreiros de nação jeje do País, localizado em Cachoeira, no recôncavo baiano, já desfruta de proteção federal. Isso porque o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) publicou a notificação sobre o processo de tombamento do terreiro.

É um passo seguro até o tombamento e que já protege a Casa de agressões como o desmatamento de seu espaço sagrado que aconteceu recentemente.

Fonte: Blog Cleidiana Ramos em 24/01/2011

BA - Terreiro centenário de candomblé é restaurado pelo Iphan no Cabula

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) reinaugurou as casas de Oxalá e de Iemanjá do Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, no Bairro do Cabula, em Salvador. Segundo o instituto, o objetivo da reforma foi restaurar as edificações degradadas pela ação do tempo e por atos de vandalismo. A restauração do terreiro de candomblé custou R\$ 560 mil. O Ilê Axé Opô Afonjá tem mais de cem anos e é um dos terreiros mais tradicionais da Bahia. É dirigido por Stella de Oxossi, a ialorixá (mãe de santo) mais antiga do país. Pela importância histórica e cultural, o terreiro foi tombado pelo Iphan em 1986.

Fonte: Jornal Correio da Bahia em 11/02/2011

MP investiga intolerância contra escola em terreiro de candomblé na Bahia

O Ministério Público apura uma denúncia de intolerância religiosa contra uma escola criada em um terreiro de candom-

blé. A unidade fica em Camaçari, na Grande Salvador, na Bahia, e seria alvo de evangélicos que chegaram a protestar em frente à porta pedindo o fechamento da instituição. O líder religioso apontado como organizador dos atos contra o local teria como argumento uma preocupação ambiental, motivada por um suposto risco com a proximidade do pólo petroquímico. O centro de ensino atende mais de 70 estudantes do ensino fundamental.

A promotora da Coordenadoria de Combate ao Racismo vai enviar à Prefeitura de Camaçari uma recomendação para que intervenha no caso.

Fonte: EBand em 24/03/2011

DF - Intolerância religiosa

Candomblé como manifestação de cultura, educação e apoio social. Essa é a proposta do Centro Espírita Caboclo Boiadeiro, localizado a 22 quilômetros do centro de Brasília, em Sobradinho II. Fundado em 1975, a “roça” como o local é também conhecido, abriga aproximadamente 20 famílias, que auxiliam o líder religioso Américo Neves Filho, o Pai Lilico, na luta contra a intolerância religiosa.

A casa oferece cursos de capacitação nas áreas de corte e costura, construção civil e artesanato (réplicas de orixás em miniaturas de biscuit). As peças produzidas já foram expostas em Portugal e é possível encontrá-las também no Ilê Axé Opô Afonjá, de Mãe Stella, em Salvador (BA). “Vejo isso como uma oportunidade de divulgar e valorizar a riqueza das raízes negras brasileiras”, ressalta o líder religioso.

Fonte: FCP em 03/05/2011

RS - Encontro de Axés promove diversidade religiosa

Com o apoio da Prefeitura Municipal de São Leopoldo, a Secretaria Municipal de Cultura (SMC) e a de Políticas de Igualdade promoveram, entre os dias 14 e 21 de Maio, o Encontro de Axés. A iniciativa é da Associação Leopoldense de Candomblé, Umbanda e Cultos Afro-brasileiros (Alcucab) e da Associação

Afro-umbandista de São Leopoldo, que neste ano, comemoram os 43 anos da Mãe Oxum na cidade: símbolo do amor, união e maternidade para os cultos africanos.

O Secretário Municipal de Cultura, Pedro Vasconcellos, afirma que o evento é “uma oportunidade de promoção à diversidade religiosa no município, permitindo o acesso à religião e o conhecimento de outras”. No dia 18, a Câmara de Vereadores de São Leopoldo promoveu uma sessão especial com contos e encantos do axé: uma homenagem às duas associações leopoldenses, que tornam o município uma referência em todo o país.

Fonte: Diário de Canoas em 13/05/2011

RJ – CCIR comemora os 203 anos da Polícia Civil do Rio

A Comissão de Combate à Intolerância Religiosa (CCIR) realizou ato inter-religioso em comemoração aos 203 anos da Polícia Civil do Rio de Janeiro. A comemoração é fruto de parceria entre as duas instituições. Com a parceria com a CCIR, a Polícia Civil do Rio transformou-se em modelo para o resto do país, ao atualizar o sistema de registro de ocorrências com a Lei 7.716/1989 (Lei Caó), que prevê pena de um a cinco anos de reclusão para crimes praticados contra religiosos.

— A CCIR foi convidada para participar efetivamente do evento em reconhecimento a sua legitimidade, pela sua opção em congregar todos os segmentos religiosos num processo de diálogo permanente — afirma o delegado Henrique Pessoa.

Fonte: Jornal Extra em 09/05/2011

RJ - Curso ensina delegados a lidar com crimes de intolerância religiosa

Delegados de Polícia Civil de todo o estado do Rio de Janeiro participaram de um seminário de capacitação, com o objetivo de ensiná-los a lidar com a intolerância religiosa. O curso foi uma ideia da própria Polícia Civil e da organização não governamental Comissão de Combate à Intolerância Religiosa do Rio.

“A verdade é que hoje estamos estendendo à Polícia Civil de todo o estado essa qualificação, para que em todos os lugares do Rio um policial civil seja capaz de identificar um fato que tenha o viés da into-

lerância religiosa”, disse Martha Rocha, Chefe da Polícia Civil do RJ. Os policiais assistiram a vídeos e palestras e receberam uma cartilha que ensina como os delegados devem lidar com a intolerância religiosa.

Fonte: Jornal do Brasil em 31/05/2011

AM - Pais-de-santo na mira de possível série de homicídios

A Comunidade Tradicional de Terreiro da Cidade de Manaus alerta para a possibilidade de haver uma relação entre três assassinatos, com requinte de crueldade, de três pais-de-santo nos últimos quatro meses em Manaus. As mortes estão sendo atribuídas, pela Comunidade, à intolerância religiosa e à homofobia. Há a preocupação de que a sequência de ocorrências pode desencadear uma onda de ataques e homicídios em série.

Em um documento oficial, a Coordenação Amazônica da Religião de Matriz Africana e Ameríndia (Carma) está solicitando o acompanhamento dos inquéritos e processos dos assassinatos pela Comissão de Direitos Humanos da OAB, Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas, Secretaria de Promoção de Políticas da Igualdade Racial da Presidência da República (SEPPIR) e da Secretaria de Direitos Humanos do Ministério da Justiça.

“Exigimos respeito, atenção e medidas legais cabíveis, tanto da sociedade quanto das autoridades competentes. Todos os dias recebemos relatos e sabemos que o substrato da homofobia e intolerância tem um tronco religioso”, afirma o coordenador-geral da Carma, Alberto Jorge Rodrigues da Silva.

Fonte: A Crítica em 05/07/2011

RJ - Encontro discute combate à intolerância religiosa

A Associação de Mulheres Negras e Afrodescendentes da Rasa (Somunear) promoveu no mês de setembro, o I Encontro de Liberdade de Pensamento e Combate à Intolerância Religiosa, em Armação dos Búzios (RJ). A entidade visa combater a exclusão racial e social do município, que possui aproximadamente 27 mil habitantes e é conhecido por suas praias e atrações turísticas.

O representante da Fundação Cultural Palmares no Rio de Janeiro, Rodrigo Nascimento, compareceu ao encontro, e conta que a principal meta dos debates foi propor soluções para as violências relatadas, pois muitos praticantes de religiões de matrizes africanas alegam sofrer agressões e perseguições. “O Poder Público vai garantir o direito de livre expressão religiosa a todos”, afirma.

Fonte: Africas em 09/07/2011

BA - Exército abre espaço para religiões de matriz africana e indígenas

O dia 8 de julho foi um dia muito especial na batalha pela defesa da liberdade religiosa e contra a intolerância. Pela primeira vez desde 1920, representantes das religiões de matrizes africanas participaram da comemoração da Páscoa Militar, organizada pela representação do Exército em Salvador (a VI Região Militar). O evento foi no Quartel da Mouraria e contou com a participação de sacerdotes e sacerdotisas ilustres das religiões afro-brasileiras e de outras religiões. A vitória é do Neafro (Núcleo de Estudos das Religiões Afro Indígenas do Exército) que surgiu no ano passado já sob a inspiração do Nafro-PM (Núcleo de Estudos das Religiões de Matrizes Africanas da Polícia Militar da Bahia).

Há seis anos, liderados pelo tata de inquite e bravo sargento Eurico Alcântara, um grupo de PMs procurou o comando da PM para questionar o porquê das religiões de matriz africana não ter representação num congresso religioso da corporação. Receberam a resposta que eles não estavam organizados. Eles então pediram a autorização e o grupo que era formado por apenas seis aumentou em um mês para 200 PMs que declararam seu pertencimento afroreligioso.

Fonte: Blog Mundo Afro em 09/07/2011

Projeto de Fortalecimento das mulheres quilombolas do Baixo Sul

Por Ana Gualberto*



O projeto “Apoyo ao Fortalecimento Político e Econômico das Mulheres Quilombolas do Baixo Sul da Bahia”, mais conhecido como Fortalecimento das Mulheres Quilombolas, é promovido por KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço, desde setembro de 2010, com o apoio do MDA (Ministério de Desenvolvimento Agrário) / AEGRE (Assessoria Especial de Gênero Raça e Etnia).

O projeto tem o objetivo de fortalecer a participação política e econômica das mulheres quilombolas nos espaços de decisão política e de comercialização, por meio de um intenso processo de formação que reforce sua reflexão sobre: o tipo de desenvolvimento que querem – desenvolvimento com identidade, respeitando a cultura e os valores tradicionais dessas comunidades; a participação das mulheres quilombolas nos espaços de decisão, nos níveis comunitário, municipal e do Território da Cidadania e todo o debate sobre a organização e a representação quilombola nesses espaços; melhor equilíbrio nas relações com os homens nos processos produtivos, especificamente na comercialização e gestão dos negócios; as políticas públicas para mulheres rurais e para quilombolas e os direitos territoriais das CRQ.

Participam do projeto mulheres de 18 comunidades quilombolas do Baixo Sul da Bahia, dos municípios de Camamu (Comunidades Remanescentes de Quilombo de Acarai, Barroso, Garcia, Jatimana, Pedra Rasa, Porto do Campo, Pratigi, Ronco, Tapuia e Pimenteira); Ituberá (Ingazeira, Lagoa Santa, Brejo Grande, Cágados e São João de Santa Bárbara); Nilo Peçanha (Boitaraca e Jatimane) e Igrapiúna (Laranjeiras).

As atividades foram iniciadas em setembro de 2010 e devem durar até o final de 2011. A primeira meta do Projeto é composta de 4 oficinas e 2 seminários públicos.

As Oficinas aconteceram entre os dias 24 e 26 de setembro e 10 e 12 de dezembro de 2010; e entre os dias 14 a 16 de janeiro e 25 e 27 de fevereiro de 2011.

I Seminário de Fortalecimento das Mulheres Quilombolas

No dia 17 de abril, cerca de 200 mulheres, aproximadamente, participaram do I Seminário de Fortalecimento das Mulheres Quilombolas, onde se dedicaram à confraternização e a discussões baseadas nos temas: Combate a Violência Contra a Mulher, conduzido por Tânia Palma, que atua no Centro de Referência e Atendimento a Mulher Vítima de Violência, em Salvador, e Ouvidora do Ministério Público sobre Violência; Corpo e Sexualidade, conduzido por Márcia Marinho, Doutora em Saúde Pública; Identidade Negra e Quilombola, conduzida por Andrea do Rosário e Marilene Silva, ambas monitoras do Projeto Fortalecimento das Mulheres Quilombolas e lideranças em suas comunidades; e Segurança Alimentar, com Ana Celsa, do SASOP, e Del, da Rede de Mulheres do Baixo Sul e liderança da comunidade Dandara dos Palmares. Estes temas foram abordados na mesa inicial e aprofundados em mini oficinas.

No espaço do seminário foi montada a Feira de Saberes e Sabores, onde as mulheres puderam trazer seus produtos agrícolas, bolos, doces, geléias e artesanatos para venda e exposição. A idéia é que a feira aconteça a cada seminário.

Intercâmbio com mulheres de comunidades quilombolas do Rio de Janeiro

Outra atividade ligada ao projeto foi a realização de um intercâmbio com mulheres de comunidades quilombolas do Rio de Janeiro sobre os temas: empreendimentos coletivos de mulheres; auto-reconhecimento e direitos territoriais; estratégias de comercialização; agregação de valor cultural e ambiental à produção.

O intercâmbio aconteceu entre os dias 12 e 20 de novembro de 2010, aproveitando a participação das mulheres quilombolas

na 4ª Jornada Ecumênica, organizada pelo FE Sul, que contou com a presença de cerca de 300 participantes de todo o Brasil e de outros países da América Latina.

Ao saírem da 4ª Jornada, as mulheres seguiram para o Rio de Janeiro para conhecer as comunidades de Campinho da Independência, em Paraty, Santa Rita do Bracuí, em Angra dos Reis e Ilha da Marambaia, em Mangaratiba.

Em Campinho o foco principal da visita foi conhecer o processo de organização e implantação da loja de artesanato e do restaurante do quilombo. Campinho é a única comunidade quilombola que já recebeu o título de propriedade de suas terras.

Em Santa Rita do Bracuí o foco da visita foi entender todo o processo de luta da comunidade para permanência em seu território e a organização política e estratégias utilizadas para continuar lutando pela regularização do território quilombola.

Na Ilha da Marambaia, além de vivenciarem toda a situação de cerceamento de direitos diários dos quilombolas, participaram da Festa da Consciência Negra, realizada nas ruínas da senzala da praia da Armação.

A experiência vivenciada pelo grupo de mulheres foi compartilhada com as demais integrantes das ações do projeto em atividade realizada em Camamu, Bahia.

Para o 2º semestre de 2011 está previsto a realização do II Seminário, com foco principal no debate sobre a melhoria da produção das mulheres e sistematização de informações que estão sendo levantadas sobre mercado e planejamento de comercialização.



*Ana Gualberto é historiadora e assessora de KOINONIA

Caso Mãe Gilda: um final

Por Jussara Régo*

Este artigo busca registrar, contextualizando, discutindo e encerrando esta etapa vitoriosa do Caso Mãe Gilda, como ficou popularmente conhecido e divulgado até internacionalmente, a absurda ação de intolerância religiosa praticada pela Igreja Universal do Reino de Deus – Iurd contra a Iyalorixá Gildásia dos Santos e Santos – a Mãe Gilda.

Moradora e fundadora do Ilê Axé Abassá de Ogum, Terreiro de Candomblé localizado nas imediações da Lagoa do Abaeté, bairro de Itapuã, Salvador (BA), Mãe Gilda tinha uma vida discreta desde o ano de 1996 quando fundou o terreiro, iniciando sua prática religiosa naquele local.

A agressão

Mãe Gilda exercia suas práticas religiosas cotidianamente e sua Casa era frequentada por adeptos moradores da comunidade, como também por aqueles oriundos até de outros estados.

A saga do Abassá de Ogum, emplacada por uma luta quase solitária, porém persistente, da atual Iyalorixá Jaciara Ribeiro dos Santos, filha consanguínea de Mãe Gilda, iniciou quando esta resolveu participar das manifestações públicas e populares pela reivindicação do *impeachment* do então presidente da república brasileira, Fernando Collor de Mello. A campanha ficou conhecida como o ‘Fora Collor’, na década de 1990, e contou com a participação ativa de milhares de cidadãos brasileiros em todo o território nacional contendo diversas expressões, das mais variadas vertentes populares e/ou governamentais, como forma de demonstrar a insatisfação com a situação e garantir a destituição do presidente. Tudo muito di-

vulgado na imprensa, com ampla cobertura na mídia televisiva, escrita e nas demais formas de comunicação.

Entretanto, foi a forma de expressão religiosa da Mãe Gilda eleita pela Iurd para atacar, humilhar e afrontar o povo do Candomblé na sua crença e manifestação prática da sua religiosidade.

A revista *Veja* publicou matéria em 1992, em que aparecia, dentre tantas outras manifestações de apoio às reivindicações do momento, uma foto de Mãe Gilda, **trajada com roupas de sacerdotisa, tendo aos seus pés uma oferenda** como forma de solicitar aos orixás que atendessem às súplicas daquele momento. A Iurd publicou essa fotografia no jornal *Folha Universal*, em outubro de 1999, associada a uma agressiva e comprometedora reportagem sobre charlatanismo, sob o título: “Macumbeiros charlatões lesam o bolso e a vida dos clientes”. A matéria afirmava estar crescendo no País um “mercado de enganação”. Nesta reportagem, a foto da Mãe Gilda, aparece com uma tarja preta nos olhos. A publicação dessa foto marca o início de um doloroso, porém definidor processo de luta por justiça da família e de todos os religiosos do Candomblé.

A repercussão

A *Folha Universal* tinha na época uma tiragem de 1.372.000 unidades, ampla e gratuitamente distribuídas. Ora, inevitavelmente a comunidade local tomou conhecimento da reportagem e, por uma falta de compreensão do que estava acontecendo, até integrantes de sua própria comunidade interpretaram que a Mãe Gilda havia se convertido e estava pregando con-

tra sua religião, pois sua foto estava naquele veículo. Qual a consequência disso? O descrédito e afastamento de fiéis! E mais: dada a fragilidade do momento, adeptos de outras religiões sentiram-se no direito de atacar diretamente a casa da Mãe Gilda, agredindo-a e ao seu marido, verbal e fisicamente, dentro das dependências do Terreiro, até quebrando objetos sagrados lá dispostos.

Diante destes fatos, com a saúde fragilizada, Mãe Gilda não suportou os ataques: seu estado piorou e ela veio a falecer no dia 21 de janeiro de 2000.

A luta contra a intolerância religiosa: mobilização e conquistas

Logo após o reconhecimento da agressão à Mãe Gilda, sua filha, Jaciara Ribeiro dos Santos, moveu uma ação contra a Iurd, por danos morais e uso indevido da imagem. Procurados por Jaciara, os advogados de KOINONIA (convênio com a Associação de Advogados de Trabalhadores Rurais no Estado da Bahia - AATR) passaram a representar a família na ação, por meio da assessoria do Programa Egbé Territórios Negros. O falecimento de Mãe Gilda se deu no dia seguinte em que assinou a procuração constituindo seus advogados para defender o caso, em clara expressão do seu desejo por reparação.

É exatamente a partir deste momento, quando KOINONIA assume a defesa do Caso Mãe Gilda, que o tema da intolerância religiosa passa a ser discutido, numa mudança perceptível no comportamento de diversos segmentos da sociedade, que se engajam nessa luta, se apropriando do tema que há muito tempo precisaria sair do anonimato.

Passado o período de luto e de atividades sucessórias, a Iyá Jaciara assumiu a liderança de Axé Abassá de Ogum, tendo como metas a manutenção da Casa e o reconhecimento público da injustiça sofrida por sua mãe e todo seu povo do Candomblé.

Atualmente, como forma de reconhecimento, inicialmente do Município de Salvador e posteriormente, do Governo Federal, foi instituído o 21 de janeiro como o Dia de luta contra a intolerância religiosa. Data em que pessoas de diferentes credos, raças, etnias, sexo celebram mais um passo a favor da dignidade humana para compartilhar caminhos que possibilitem o enfrentamento a essa vergonha, que se alastra de forma ampla, geral e irrestrita: a Intolerância Religiosa. Esta forma nefasta de impedir a livre expressão religiosa individual e coletiva garantida por lei é desrespeitada por vários setores da nossa sociedade. Inclusive por instituições religiosas que, apesar de pregarem princípios de amor ao próximo, solidariedade e respeito, não estão devidamente preparadas para responder a esse desafio e acabam por demonstrar preconceitos e discriminar a partir de posturas institucionais, como o caso de Mãe Gilda, que hoje serve de inspiração e símbolo de luta para todos nós.

Decisões judiciais

Cinco anos depois do início do processo, em 2004, a Iurd foi condenada em primeira instância, ficando estabelecido o ganho de causa da ação de Mãe Gilda. A sentença, favorável à ação indenizatória, pode ser descrita resumidamente:

1. Condena a Iurd e a sua Gráfica a publicar a sentença na capa e encarte do Jornal Universal e por duas tiragens consecutivas;

2. Condena a Iurd e a sua Gráfica a indenizar a família em R\$ 1.372.000

(fazendo a equivalência de R\$ 1,00 para cada exemplar da Folha Universal distribuído), reajustáveis pelo Inpc desde 1999;

3. Determina que o Ministério Público abra processo criminal contra a IURD.

A legislação garante a liberdade religiosa:

Constituição Brasileira:

... VI. *É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e suas liturgias;...*

VIII. *Ninguém será privado de direitos por motivos de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei.*

Código Penal:

Título V, Cap.I “Dos crimes contra o sentimento religioso (ultraje a culto e impedimento ou perturbação de ato a ele relativo).

Art. 208. Escarnecer de alguém publicamente, por motivo de crença ou função religiosa; impedir ou perturbar cerimônia ou prática de culto religioso; vilipendiar publicamente ato ou objeto de culto religioso.

Em apelação na segunda instância - Tribunal de Justiça da Bahia - pela Igreja Universal e sua gráfica, o processo ficou sem resposta até maio de 2005, quando o povo do Candomblé realizou um ato público em frente ao Tribunal de Justiça da Bahia para reivindicar a agilização da decisão do tribunal.

Em 6 de julho do mesmo ano, saiu a decisão sobre o caso: o Tribunal de Justiça da Bahia julgou e condenou, por unanimidade, a Igreja Universal do Reino de Deus por danos morais e

uso indevido da imagem da Iyalorixá Mãe Gilda. O resultado do julgamento ratificou, por unanimidade, a decisão da 1ª Instância, apenas reduzindo o valor da indenização para R\$ 960.000,00.

A sessão do julgamento foi assistida por dezenas de pessoas, entre familiares e amigos de Mãe Gilda, frequentadores de Terreiros de Candomblé, militantes de movimentos sociais, estudantes e jornalistas que foram agraciados com o reconhecimento de que a condenação estava relacionada a um caso inquestionável de intolerância religiosa. Assim, a sentença configura não só a vitória de uma causa pessoal, como também coletiva: para todos aqueles que acreditam na convivência harmônica e respeitosa entre as religiões.

Insatisfeita com o resultado, a Iurd recorreu da decisão, apelando para Superior Tribunal de Justiça - STJ em Brasília, bem como ao Superior Tribunal Federal - STF. Este último não aceitou o pedido, julgando-o improcedente.

Após 9 anos de luta e diversas mobilizações públicas reivindicatórias do desenrolar do processo, no dia 16 de setembro deste ano de 2008, saiu a decisão da 3ª instância: o Superior Tribunal de Justiça confirmou, também por unanimidade, a condenação da Igreja Universal do Reino de Deus, em que esta fica obrigada a publicar retratação no jornal Folha Universal, e a pagar indenização, reduzida de R\$ 1,4 milhão, conforme decisão da 1ª instância, para R\$ 145.250,00.

A finalização

Após todos os recursos legais serem acessados, faltava ainda o julgamento de um último recurso interposto pela IURD há cerca de dois anos. Sem este julgamento a finalização do caso não poderia se tornar efetiva, com o cumprimento da pena reafirmada em todas as instâncias da Justiça.

No ano de 2009, já cansada com os tempos do processo e de todas as complicações que ele trouxe à sua vida, a Yalorixá Jaciara decide colocar um ponto final nesta história: Em uma intervenção mediada pelo Ministério Público foi solicitada uma reunião para se estabelecer um acordo entre as partes, com o cumprimento da pena estipulada.

O Jornal da IURD, A Folha da Universal, publica a sentença na íntegra, nas folhas 6 e 7 e uma chamada na capa, na edição de número 915, veiculada de 18 a 24 de outubro de 2009, porém sem divulgação de alcance do grande público interessado. E aqui tornamos esta publicação acessível a todos e todas, para que o povo do

Candomblé possa sentir orgulho de sua religião e recuperar a confiança de que sua liberdade de culto está protegida legalmente e que o respeito é necessário.

Assessorada pelos advogados contratados por KOINONIA para acompanhar o caso, foi elaborada uma petição, assinada em 19 de outubro de 2010, que firma o acordo entre as partes, onde a IURD assume o compromisso de realizar o pagamento do valor estipulado pela justiça, em última instância, com as devidas correções monetárias, repassando o recurso a todos os integrantes do espólio do Caso Mãe Gilda em depósitos mensais e individuais, que encerram neste mês de maio de 2011.

A enorme redução dos valores arbitrados para pagamento indenizatório

merece questionamento. Sendo quantidade modesta para os padrões da referida igreja, não causará impacto relevante em seus cofres, e, portanto pode não cumprir a função de evitar ataques futuros. Apesar disso, reconhecemos que a sentença representa um ganho político e social sem precedentes na história do país, que vem reafirmar os direitos garantidos pela constituição brasileira da liberdade de expressão e contra qualquer tipo de discriminação. Trata-se, portanto, da vitória de um povo que, historicamente, sofreu e ainda sofre este e outros tipos de preconceito; que mesmo depois de cessadas as perseguições policiais ainda continuava sem liberdade de expressão religiosa.

E assim o caso chega ao final: com o pagamento da indenização, ainda que com valores reconhecidamente simbólicos, aos integrantes da família de *Gildásia Santos dos Santos*, cuja falta não tem pagamento e a vida não será recuperada. E com a publicação da pena com todo histórico, no mesmo veículo onde se deu a agressão, recuperando a honra do povo do Candomblé e da *Mãe Gilda*.

“Esse dinheiro vem pra mim num âmbito religioso. E mesmo a Justiça não mantendo o valor referente à tiragem, como proposto e aprovado na primeira instância, o valor simbólico marca nosso fortalecimento.”

Yalorixá Jaciara Ribeiro dos Santos

Hoje a Casa segue firme em seus princípios de luta pelo respeito à liberdade religiosa, pela preservação do meio ambiente, pela defesa dos direitos da juventude e pela manutenção da religiosidade do Candomblé, na memória dos ensinamentos deixados pela eternizada Mãe Gilda.

**Jussara Rêgo é bióloga, mestre em geografia e associada de KOINONIA.*



DECISÃO JUDICIAL: Por determinação da Justiça, a **Folha Universal** publica, nas páginas capa, 6i e 7i desta edição, a sentença do juiz Clésio Rômulo Carrilho Rosa, da 17ª Vara Cível da Comarca de Salvador (Bahia), sobre reportagem publicada em 26 de setembro de 1999 (edição 390). O Superior Tribunal de Justiça (STJ) acolheu parcialmente os recursos da Editora Gráfica Universal Ltda. e da Igreja Universal do Reino de Deus, e determinou que fosse publicada a decisão judicial de primeira instância em única edição, além de reduzir consideravelmente a condenação. A íntegra da decisão se encontra nas páginas 6i e 7i.

Este informativo é produzido pelo Programa Egbé Territórios Negros de KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço. Dirigido às comunidades negras urbanas de Candomblé e às redes de solidariedade civil e ecumênica.

EDITORIA:

Jussara Rêgo e Rafael Soares de Oliveira

REDAÇÃO DE ATIVIDADES:
Equipes KOINONIA

DIRETOR EXECUTIVO DE KOINONIA:
Rafael Soares de Oliveira

REVISÃO:
Márcia Evangelista

PROJETO GRÁFICO:
Martha Braga

EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA:
Welder Marques dos Santos

IMPRESSÃO:
Fast Design

FOTOS:
Arquivo de KOINONIA

KOINONIA
Presença Ecumênica e Serviço

actaliança

Rua Santo Amaro, 129 Glória
22211-230 Rio de Janeiro RJ
Tel (21) 3042-6445
Fax (21) 3042-6398
koinonia@koinonia.org.br
www.koinonia.org.br



PROGRAMA EGBÉ TN
Rua Capelinha do Tororó,
Edf. 1. 1º andar, Tororó.
CEP. 40.050-120, Salvador-Bahia.
Tel.: (71) 3266-3480
projetoegbesalvador@koinonia.org.br

E-mail: falaegbe@koinonia.org.br

ISSN: 1981-7568

APOIO



FORD FOUNDATION



CHURCH WORLD SERVICE



United Church of Canada (UCC)



NORWEGIAN CHURCH AID



Canadian International Development Agency

Agence canadienne de développement international

PARCERIA



COMUNIDADES ATENDIDAS

COMUNIDADES DE TERREIROS

RA I Centro: Ilê Erinlé Axé Odé Ifeolá; **RA II Itapagipe:** Ilê Axé Airá Omim, Ilê Axé Odé Lomin Infan, Ilê Axé Ogum Ladê Iyá Omim, Ilê Axé Omin Leuá, Ilê Iyá Osshum, Terreiro de Oxum do Caminho de Areia; **RA III São Caetano:** Ilê Axé Idanjuê, Ilê Axé Obá Inan, Ilê Axé Opô Ibu Alama, Terreiro Ogun Tundê; **RA IV Liberdade:** Ilê Axé Omin Amboke, Ilê Axé Ewá Omin Nirê, Ilê Axé Iroko Sun, Terreiro Ajagunan, Terreiro do Vodunzô, Terreiro Kanzo Mucambo, Terreiro de Oxalá; **RA V Brotas:** Axé Abassá de Amaze, Centro do Caboclo Boiadeiro, Centro do Caboclo Oxossi Talami, Centro Matamba de Onato, Ilê Axé Ewé, Ilê Axé Jifulú, Ilê Axé Jualê, Ilê Axé Oluwayê Dey'I, Ilê Axé Oyá Tunjá, Ilê Axé Omin Afonjá Rode, Nzó Mdemboa – Kenã, Ilê Axé Omin Ode Azoani, Terreiro Oxossi Caçador, Terreiro Unzó Awziidi Junçara, Tuumba Junçara, Tuumbalagi Junçara, Unzó Dandamutalê, Unzó Katende Dandalunda, **RA VII Rio Vermelho:** Ilê Axé Achê Ibá Ogum, Ilê Axé Alarabedê, Ilê Axé Iyá Nassô Oká, Ilê Axé Obá Nirê, Ilê Axé Obá Tadê Patiti Obá, Ilê Axé Omin Deuá, Ilê Axé Onirê Ojuirê, Ilê Axé Oyó Bomim, Ilê Axé Obá Tony, Ilê Obá do Cobre, Ilê Oxumarê, Ilê Axé Oyá Omin Denan, Tanuri Junsara, Ilê Axé Centro de Angola Mensageiro da Luz, Terreiro do Bogum, Terreiro Ogum de Cariri – Kilombo **RA IX Boca do Rio:** Ilê Axé Araka Togum, Ilê Logum Edé Alaká Koissan, Terreiro Onipó Neto, **RA X Itapuã:** Axé Abassá de Ogum, Axé Tony Sholayó, Ilê Axé Osun Yinká, Ilê Axé Ominader, Ilê Axé Yeye Jimum, Terreiro Aloia, Terreiro Caboclo Itapuã, Terreiro Oxossi Mutalamó, Terreiro de Oxum da Lagoa do Abaeté, Viva Deus Neto, Terreiro Viva Deus Bisneto, Ilê Axé Ibá Aqueran, Terreiro Gurebetã Gome Sogboadã, Terreiro Monaleuci Um'Gunzo de Un'zambi, **RA XI Cabula:** Ilê Axé Opô Afonjá, Ilê Axé Oyá Deji, Ilê Axé Tunadeni, Terreiro Sultão das Matas, Unzó Bakisê Sasaganzuá Gongara Caiango, Unzó Ngunzo Kwa Kayango, Viva Deus Filho, Ylê Yá Yalodeidê, **RA XII Tancredo Neves:** Ilê Axé Gezubum, Ilê Axé Jagun Bomim, Ilê Axé Lofan Demim, Ilê Axé Obá Fangy, Ilê Axé Olufan Anancidê Omin, Ilê Axé Omin Alaxé, Ilê Axé Omin Togum, Ilê Axé Oyá Omin Olorum, Ilê Axé Pondamim Bominfá, Terreiro de Boiadeiro, Terreiro do Bate-Folha, Terreiro Olufonjá, Terreiro São Roque, Terreiro Sete Flechas, Terreiro Tumbenci, **RA XIII Pau da Lima:** Funzó Iemim, Ilê Omu Keta Posu Beta, **RA XIV Cajazeiras:** Ilê Axé Layê Lubo, Ilê Axé Omim J'Obá, Ilê Axé Omin Lonan, Ilê Axé Omin Nita, Ilê Axé Onijá, Terreiro Junçara Kondirê, Unzó de Kaiango, Manso Bandun Kuekue de Inkinansaba Filho, Manso Dandalungua Cocuazenza, Manso Dandoqüenque Dunkinisaba Filho, Moitumba Junçara, Nzo Sassa Ganzuá Mono Guiamaze, Terreiro Vintém de Prata, Ilê Axé Ogum Omimkayê, **RA XV Valéria:** Ilê Axé de Ogunjá, Ilê Axé Omim Funkó, Ilê Axé Olo Omin, Ilê Jêje Dahomé Imburací, **RA XVI Subúrbios Ferroviários:** Onzó de Angoró, Grupo das Sacerdotisas e Sacerdotes do Axé, Ilê Axé Oba Furikan, Ilê Axé Acorô Genã, Ilê Geleuá, Ilê Axé Loyia, Ilê Axé Ogum Alakayê, Ilê Axé Anandeuiy, Ilê Axé Flor da Mirtália, Ilê Axé Gitolobi, Ilê Axé Jagun, Ilê Axé Jfokan, Ilê Axé Kalé Bokum, Ilê Axé Obá Omo, Ilê Axé Odé Tolá, Ilê Axé Omi Euá, Ilê Axé Omin Loyá, Ilê Axé Unzó Mona de Amean, Ilê Olorum Axé Giocan, Luandan Jucia, Terreiro Caboclo Catimboiá, Terreiro Gidenirê, Terreiro Mucundeuá, Terreiro de Nana, Ilê Axé Arin Massun, Ilê Axé Giroqueme, **RA XVII Ilhas:** Ilê Axé Airá, **Região Metropolitana de Salvador:** Ilê Ala Axé, Ilê Axé Burukam Ajunsun, Ilê Axé Maa Axé Ni Odé, Ilê Axé Gum Tacum Wseré, Ilê Axé Jesidea, Ilê Axé Oba Nã, Ilê Axé Ofá Omin, Ilê Axé Omim Lessy, Ilê Axé Ondô Nirê, Ilê Axé Opô Olú-Odé Alayedaá, Ilê Axé Oyá, Ilê Axé Odé Obá Lodê, Ilê Axé Odé G'mim, Ilê Axé Taoyá Loni, Ilê Axé Dan Seji Olá, Ilê Axé Bokum, Ilê Axé Igbonan, Sindirátukuã Filha, Terreiro Angurusena Bya Nzambi, Terreiro de Jauá, Terreiro Filhos de Ogunjá, Terreiro Kawizidi Junçara, Terreiro São Bento, Tuumbaengongonsara, Unzó Tateto Lemba, Ilê Axé Alafumbí, Ilê Axé Awon Funfun, Ilê Axé Ojunilê Chapanã, Ilê Axé Ogum Mejê, Ilê Axé Julosum Oju Omim, Ilê Axé Ode Oman, Centro Umbandista Paz e Justiça, Terreiro Vence Tudo, Terreiro Nzo Tata Nsuuumbu, Ilê Axé Ejiegg Faleji, Unzó Kunã Lembe N'kossi, Terreiro de Guiaiba, Ilê Axé Ogum Dey, Ilê Axé Oba Inallê Axé Ofá Omin, Ilê Axé Omim Anibê Nirê, Terreiro Águas de Efan **Itabuna:** Ilê Axé Obé Fará Ogum Lonan, Centro de Candomblé Santa Bárbara, Ilê Axé Ijobá Oxumarê-Yewá, **Araci:** Ilê Axé Jitolobi, **Cachoeira:** Ilê Axé Kayó Alaketu, **São Francisco do Conde:** Ilê Axé Osum Made; **Muritiba:** Ilê Axé Obá Nijó Omim, **Rio de Contas:** Terreiro Afoxé dos Orixás, **Ilhéus:** Terreiro de Ilhéus, Terreiro Matamba Tombeçy, **Mata de São João:** Terreiro de Praia do Forte, **São Sebastião:** Terreiro de São Sebastião.

COMUNIDADES NEGRAS RURAIS (BAIXO SUL DA BAHIA)

Camamu: Abóboras, Acaraí - Boa Vista, Bairro da Vitória, Barroso, Bolacha, Canela, Coqueiro, Dandara dos Palmares, Enseada, Garcia, Jatimana, Lameiro, Limoeiro, Machado, Maria Ribeira, Marimondo, Matapera, Mato Grosso, Outeiro, Pedra Rasa, Pimenteira, Porto do Campo, Pratigi, Reboco, Ronco, Santo André, Tapuia, Unidos Venceremos, Varjão, Zumbi dos Palmares; **Cairu:** Galeão; **Igrapiúna:** Boa Esperança, Laranjeira; **Ituberá:** Brejo Grande/ Campo do Amâncio, Ingazeira, Lagoa Santa; **Maraú:** Empata Viagem, Quitungo, São Raimundo, Terra Verde/Minério, Tremembé; **Nilo Peçanha:** Boitaraca, Jatimane; **Taperoá:** Graciosa, Lamego, Miguel Chico; **Valença:** Novo Horizonte (Pau que Ronca), Sape Grande, Sarapui; **Wenceslau Guimarães:** Nova Esperança.

PARCEIROS EM CAMPO: SASOP e STR-Camamu